A Ordem hoje

Reflexões e Perspectivas

Frei Giacomo Bini,
Ministro geral dos Frades Menores

Roma 2000

Introdução

Caros irmãos,

o Senhor lhes dê a paz!

Como incansáveis **viatores**, *sabendo em quem pôr a esperança, encaminhamo-nos para o terceiro milênio, conscientes de trazer conosco o tesouro precioso que inspirou e transformou a vida de muitos homens e mulheres que nos precederam nos oito séculos de história de uma impressionante aventura: o dom da vocação evangélica franciscana. Durante as diversas épocas, para muitas pessoas, São Francisco foi "o homem do segundo milênio" que conduziu gerações inteiras a Cristo; e ainda hoje continua a causar admiração pela intuição e pela coragem de, com simplicidade e prontidão, aproximar o Evangelho aos homens e às mulheres do seu tempo.*

Agora é nossa vez de não frustrar as expectativas de nossos contemporâneos, dispostos a acolher a mesma mensagem evangélica, ou antes, sedentos desta espiritualidade.

Visitando e encontrando muitos irmãos nas diversas partes do mundo, com alegria, pude constatar que o ideal de Francisco está muito vivo em nosso meio, que nos esforçamos por torná-lo presente nas diversas culturas do nosso tempo. Existe um grande desejo de iniciar este terceiro milênio confrontando-nos com o Evangelho. Para que estas aspirações não sejam frus-

tradas, mas readquiram vida nova, quero tornar-me presente a cada irmão com esta carta de estímulo.

Primeiramente, desejo partilhar com vocês as maravilhas que Deus continua a operar em nosso meio e em nós; depois, expressar toda a minha gratidão a tantos irmãos que testemunham, com fidelidade e generosidade, a nossa **forma vitae**.

*E finalmente, aos que vacilam e duvidam do futuro da caminhada que deve ser feita sem medo, gostaria de dizer: "Quem vive no amor de Deus não tem medo. Ao contrário, o amor de Deus, quando for verdadeiramente perfeito em nós, afasta o medo" (*cf. *1Jo* 4,18*). O Senhor ainda está conosco e, com Ele, tudo se torna possível!*

Assim, esta carta quer colocar à sua disposição impressões e reflexões sobre a Ordem hoje. Reflexões feitas a partir daquilo que ouvi e vi nestes três anos de meu serviço de Ministro, para que a memória daquilo que fomos capazes de fazer se torne incentivo eficaz no presente e estímulo para um futuro iluminado pela esperança.

Roma, Pentecostes de 2000

I

Expectativas e esperanças

"Seguindo o exemplo de São Francisco, os irmãos devem levar uma vida radicalmente evangélica, em espírito de oração e devoção e em comunhão fraterna, dar um testemunho de penitência e minoridade e, em espírito de caridade para com os homens, anunciar o Evangelho ao mundo inteiro e, por obras, pregar a reconciliação, a paz e a justiça".

(CCGG 1, 2)

Vivemos num momento de capital importância de nossa história, envolvida que está num profundo processo de transformação. Mas se há muitas sementes de vida e esperanças numa reconstrução positiva, muitas são as interrogações feitas por homens e mulheres do nosso tempo, procurando novo sentido e novos conteúdos a dar à sua vida.

Somos estimulados e instigados a dar a razão da esperança que existe em nós (cf. *1Pd* 3,12) e a expressá-la visivelmente com os símbolos e um estilo de vida importante para o homem de hoje, sabendo perceber as muitas exigências positivas que emergem do nosso mundo.

São Francisco e sua mensagem são de uma atualidade surpreendente, capazes de despertar simpatia e acolhida em todas as culturas. Francisco está mais vivo do que nunca e ainda fala ao homem de hoje. Conseguiremos encarnar mais uma vez seu projeto evangélico e comunicá-lo com convicção e alegria, através de uma visibilidade atraente que envolve alma e corpo, vida e palavra, comportamentos pessoais e relacionais? E aqui se insere o desafio que o mundo de hoje nos dirige, enquanto nos encaminhamos para o terceiro milênio.

Pedem-nos uma resposta às desigualdades crescentes entre os poucos ricos, sempre mais ricos, e as massas dos pobres às quais falta o necessário. Nosso estilo fraterno de vida, em solidariedade com os últimos, mais do que o

serviço a eles, expressa liberdade, superação de todo etnicismo, nacionalismo e, ao mesmo tempo, renúncia a qualquer compromisso com o consumismo que nos cerca.

Pedem-nos que sejamos homens de justiça, de reconciliação, de paz num mundo guiado apenas pelo lucro econômico, pela competição, pelo arrivismo.

Mais uma vez, o que nos falta não é a palavra ou gestos isolados de generosidade, mas *formas concretas, alternativas de vida em Fraternidade*. Como diz São Paulo, estamos sofrendo "as dores do parto".

Estamos vivendo um "kairós" particular, uma graça que nos é dada hoje em vista de novos inícios, de uma nova vida, recomeçando exatamente por nossos valores carismáticos.

A mensagem franciscana da fraternidade universal, como convite ao respeito, à "reconciliação com o diferente", à busca de comunhão, apresenta-se como palavra de esperança e valor evangélico alternativo em toda a sua força, exatamente, quando percebemos o poder destruidor do individualismo.

A liberdade e a renúncia aos bens testemunhados por uma vida frugal, sem lucro e sem supérfluo, na partilha daquilo que se é e daquilo que se tem, não podem deixar tranqüilo o homem de hoje, que fez do mundo uma "cidade-mercado", e o convidam à solidariedade e à ***restituição***, valor tipicamente bíblico e franciscano. Afinal, a terra é de Deus e nós somos propriedade sua (cf. *Ex* 19,5): temos a tarefa de partilhar o que é dado a todos, sem cobiça e arrogância, e restituí-lo a Deus em ação de graças.

Considerando nossa história destes últimos anos pós-conciliares, devemos reconhecer que hoje a definição de nossa identidade de ***Frades menores***, fundada sobre a experiência e a mensagem espiritual transmitidas por São Francisco, tornou-se mais clara; uma identidade delineada e afirmada pela nossa legislação e pelos recentes documentos da Ordem (CCGG, decisões dos Capítulos, documentos da Ordem, cartas dos Ministros gerais etc.).

Portanto, considerando a inquieta história de nossa família, esta clareza e profundidade, ao menos em teoria, é uma aquisição muito importante. Identificamos com precisão a "ortodoxia" do nosso carisma; talvez agora deveremos concentrar nossos maiores esforços na "ortopráxis", num estilo de vida que expresse profeticamente ao mundo de hoje aquilo em que cremos e esperamos e aquilo que professamos.

Apesar da diminuição numérica, a Família religiosa franciscana constitui ainda, aproximadamente, um quarto da totalidade dos/as religiosos/as do mundo (200.000 religiosos/as, dos quais 20.000 são contemplativas e 35.000 pertencem à Primeira Ordem). Para a vida do mundo, trata-se de uma força espiritual incrível, uma força que deve encontrar suas formas de expressão para hoje, encarnando-se nas aspirações e na trama quotidiana da vida dos homens do terceiro milênio.

Muitos Irmãos e muitas Províncias estão se lançando neste caminho de transformação profética; existe uma volta renovada aos valores fundamentais de nosso carisma. Até fenômenos preocupantes, como a dificuldade de manter grandes obras e a diminuição do número dos Frades, podem ser interpretados co-

mo convite a repensar nossos compromissos e a rever dinamicamente as estruturas, para adaptá-las às exigências de hoje. Gostaria de recordar alguns caminhos proféticos que já estão abertos:

- *Está se abrindo um caminho de maior colaboração entre "governo central" e Províncias, como também entre Províncias e Custódias limítrofes.*

- *Nas Províncias ou nas Conferências florescem Fraternidades diversificadas segundo alguns carismas: algumas mais radicais, outras mais contemplativas, outras "de inserção" e mais envolvidas num diálogo de solidariedade com o mundo. Esta diversidade é acolhida positivamente, sem prevenções ou preconceitos. Trata-se de uma caminhada muito importante para o nascimento de Fraternidades proféticas que podem abrir novos caminhos. É uma "fidelidade criativa" desejada pela própria Igreja e em sintonia com o nosso carisma.*

- *Em algumas Províncias, a Formação permanente, como garantia do nosso futuro, está envolvendo seriamente os frades individualmente, inteiras Fraternidades, categorias particulares, como o Definitório, os Guardiães, os Formadores, os agentes setoriais...*

- *Assim também a formação inicial, em algumas Províncias, percebeu a necessidade de uma reestruturação, dando tempo e espaços ao acompanhamento personalizado, à formação franciscana feita de teoria e de experiência, aos valores especificamente humanos, cristãos, franciscanos. Existe também um discernimento muito sério, livre da tentação do grande número ou do medo da sobrevivência.*

- *Crescem as Fraternidades internacionais e interculturais. Por exemplo, todos os projetos missionários da Ordem e quase todas as Entidades da África e do Médio Oriente são internacionais e interculturais.*

- *Existe um grupo sempre mais numeroso de Frades que procuram experiências que sejam ao mesmo tempo itinerantes, contemplativas e evangelizadoras, baseadas numa séria estabilidade interior.*

- *Existe uma colaboração sempre mais ampla com toda a Família franciscana.*

- *Enfim, devemos dizer que quase a totalidade dos Irmãos olha com amor para a própria vocação e vive, com fidelidade, os compromissos religiosos. Muitos, mesmo em idade avançada, estão prontos a iniciar novos caminhos.*

II

Alguns problemas gerais que preocupam Custódias e Províncias

"Quem vive no amor de Deus não tem medo. Ao contrário, o amor de Deus, quando for verdadeiramente perfeito em nós, afasta o medo"

(cf. 1Jo 4,18)

1. Diminuição do número e elevação da média de idade

"As novas situações de escassez hão de ser enfrentadas com a serenidade de quem sabe que a cada um é pedido não tanto o sucesso quanto, sobretudo, o compromisso de fidelidade. O que se deve absolutamente evitar é a verdadeira derrota da vida consagrada, que não está no declínio numérico, mas no enfraquecimento da adesão espiritual ao Senhor e à própria vocação e missão".

(João Paulo II, *Vida Consagrada*, 63)

O fenômeno do empobrecimento institucional – diminuição do número, redução das forças, estruturas menos estáveis e seguras – está incidindo sempre mais na vida e na atividade da Fraternidade universal e das Fraternidades locais. Se, por um lado, pode estimular uma disciplina espiritual e se tornar um sinal positivo de descoberta daquilo que realmente conta e é essencial à nossa forma de vida consagrada, por outro, pode levar a uma psicose de velhice, a uma autojustificação de nossa inércia.

Considerando a nossa Ordem, talvez o verdadeiro problema não seja a falta de vocações, mas a incapacidade de reconstruir uma hierarquia e uma harmonia de valores a serem vividos com alegria e convicção, de forma a recolocar em evidência a perene fecundidade do nosso carisma; não é a sobrevivência estrutural ou numérica, mas *uma vida franciscana vivida em plenitude, hoje e até o último dia de nossa vida*. Depois dos 60 anos, a pessoa consagrada ainda tem muito a dar e a dizer ao mundo de hoje. Uma resignação paralisante impediria o Irmão idoso de expressar em ple-

nitude o que ele tem de mais belo, isto é, aquilo que é. Como conseguir motivar esses Irmãos, quando a missão é compreendida quase exclusivamente no sentido da eficiência? Como continuar a formação permanente nas idades de crise e de demissão? Eis as profundas interrogações que estão à nossa frente.

No entanto, devemos reconhecer que muitíssimos Irmãos idosos vivem esta etapa de sua existência com vivacidade, criatividade, alegria e generosidade. Ao mesmo tempo, porém, devemos ajudar a outros que, por motivos vários – mudanças frustrantes, feridas passadas, incompreensões... – são tentados a dizer com Elias: "Agora basta, Senhor. Toma a minha vida..." (*1Rs* 19,4), e a restituem antes do tempo, quando seria o momento propício de criar novos relacionamentos com Deus, com os outros e com o mundo.

A velhice não é o fim ou o esgotamento da vida espiritual, mas uma reserva de riquezas, de experiência, de sabedoria, de capacidade de perceber o que é essencial e importante para o nosso mundo. É necessário, então, criar oportunidades, estimular a manifestação dessa vitalidade não expressa, mas indispensável aos jovens de hoje; procurar re-motivar "o quotidiano" de cada um, ainda que aparentemente banal ou insignificante. Cada indivíduo tem uma criatividade inesperada e quase ilimitada: fomos criados à imagem de Deus! Devemos fomentá-la em todas as épocas da vida. Uma vez esclarecido, motivado e orientado, o papel do idoso em nossas Fraternidades pode se tornar precioso para a realização de alguns serviços decisivos na retomada qualitativa da Vida consagrada em nossas Províncias, como:

- o *ministério da escuta e do diálogo*: num mundo frenético feito de pessoas isoladas e distraídas, no qual ninguém se preocupa em ouvir, a presença de alguém capaz de receber, de ouvir, de aconselhar é um oásis no deserto.

- o *ministério do acompanhamento* dos jovens e dos menos jovens. Quem melhor do que um idoso pode mostrar a beleza de uma caminhada vocacional, pode ajudar a "ler" e a acompanhar suas etapas, suas dificuldades e seus riscos?

- o *ministério da presença fraterno-materna*, estável e fiel, uma presença pacificada, que reanima nossa vida de fraternidade. De um sábio diz-se que "somente por olhar em seus olhos, reencontramos a paz". Os idosos podem ser as verdadeiras testemunhas da simplicidade contemplativa na qual tudo se torna sinal e palavra.

2. Diminuição das vocações e falta de perseverança

"Quanto à pobreza, Francisco tinha medo do grande número de frades, porque, se não de fato, ao menos na aparência, também isso é sinal de riqueza. Por isso dizia: "Ah! se chegasse o dia em que o mundo só visse os Frades menores muito raramente e se admirasse de serem tão poucos!"

(*2Cel* 70)

Este dia chegou! Em muitas Províncias sente-se uma forte queda numérica das vocações, em outras, percebe-se já uma ligeira diminuição; de qualquer forma, em todas as Entidades encontramos a falta de perseverança, sobretudo nas gerações novas, durante os primeiros anos de profissão temporária ou solene. É um fenômeno que atinge quase todos os Institutos de vida consagrada, além das vocações sacerdotais e matrimoniais. As razões, sem dúvida, são muitas; em parte relacionadas com as novas situações, mentalidades e comportamentos sociais e religiosos que se verificam em todas as culturas do mundo: hoje, "o furacão da globalização" não poupa ninguém. Assim, cada cultura deve haver-se com os próprios problemas específicos.

No entanto, é evidente que o problema vocacional deve ser enfrentado e estudado a partir de nossa vida, nas nossas Casas. Os últimos documentos da Igreja e da Ordem convidam a rever com urgência a qualidade espiritual-carismática de nossa vida, como também a reestruturar todo o percurso formativo, que em algumas Províncias não muda há 50 anos, excetuando-se algum retoque superficial.

A "doença do número", como também a "angústia da sobrevivência", são fenômenos que atingem quase todas as Províncias; e isto impede uma reconstrução objetiva e espiritual serena de nossas Famílias provinciais e de toda a Ordem.

A lógica "quantitativa" parece não concordar com a criatividade de Deus; antes, pode até pôr-lhe obstáculos (cf. *Jz* 7,1). Para o próprio Francisco, o número pode tornar-se riqueza auto-suficiente (cf. *Adm* 5).

É indispensável uma boa programação da pastoral vocacional; mas essencial continua a ser o testemunho de nossa vida evangélica, modelada sobre o nosso projeto de vida bem delineado pela Regra, pelas CCGG e por outros documentos.

Não resta dúvida que o Senhor chama quem quer, como quer e quando quer. De nós, porém, exige-se que peçamos, rezemos, acolhamos e acompanhemos evangelicamente aquele que é chamado com o testemunho de nossa vida e com a palavra.

Estudamos bastante a caminhada que fizemos nos últimos anos, os nossos erros e falhas; até prevemos, por meio de estatísticas, o que nos aguarda no futuro! Talvez tenha chegado o momento de esforçar-nos no presente, sem medos, conscientes de nossa responsabilidade com relação à história que hoje estamos a escrever.

3. Falta de entusiasmo e criatividade

*"Mestre, o que devo **fazer** para possuir a vida eterna?... Tudo isto observei desde a juventude... Jesus, fixando-o, o amou... Uma só coisa te falta: vai, vende o que tens, dá-o aos pobres... vem e segue-me"*
(*Mc* 10,17-22)

Todos nós, jovens e menos jovens, como o jovem rico, perguntamos o que devemos ***fazer*** para nós mesmos e para os outros. Procuramos nossa realização e identidade no fazer, talvez até num "fazer contemplativo", num fazer mais e melhor, sem colocar demasiadamente em discussão a razão do nosso ativismo, que levamos adiante por anos. O Senhor ama a nossa operosidade; antes de mais nada, porém, pede-nos a conversão: *des-fazer-nos* para *re-fazer* (cf. *Lc* 10,41), de modo que o fazer não obscureça os outros valores prioritários como a escuta de sua Palavra, o verdadeiro relacionamento com Deus, a vida de comunhão e de relação em Fraternidade. Quer dizer, antes é preciso deixar tudo, segui-lo e estar com Ele; depois, todas as estradas da evangelização, percorridas dois a dois (em Fraternidade), estarão abertas diante de nós. Devemos encontrar nossa identidade "naquilo que os frades devem desejar acima de tudo: ter o Espírito do Senhor e deixá-lo agir em nós" (*RegB* 10,8), e depois integrar o nosso "fazer" nesta dimensão para superar mais facilmente a tensão muito comum de compreender nosso esforço pastoral como a afirmação exclusiva de nós mesmos, de tornar-nos "os pais" de nossos empreendimentos.

Não podemos esquecer que cada forma de evangelização é a conseqüência de uma chamada gratuita de Deus que nos manda trabalhar na ***Sua*** vinha por algumas horas. O momento final da evangelização, portanto, não é a "dispersão" e a auto-satisfação pelos resultados obtidos, mas o retorno ao Senhor de nós mesmos e de todo o bem que o Senhor diz e opera em nós por meio de nós (cf. *Mc* 6,30-31; *RegNB* 17,5-6).

Somos colaboradores do Espírito, que continua a ser sempre o primeiro ator de nossa história. Deste modo, é belo encontrar nossa identidade num "fazer" radicado na dependência – de Deus e da Fraternidade –, para podermos ser sempre mais *ágape*, dom livre e desinteressado, "projeto" de Deus para seu Reino. Então, nosso trabalho pastoral, expressão de comunhão com o Senhor e com os irmãos, reencontrará sua verdadeira fecundidade, criatividade e missionariedade, como os discípulos enviados em seu nome: graças a esta superabundante confiança de Deus para conosco também nós faremos milagres (*Lc* 10,17 ss.). Ao contrário, a perda da harmonia dos valores fundamentais de nossa *forma vitae*, com a acentuação do eficientismo, muitas vezes antropocêntrico, cria profunda perda vocacional e grande decepção, seja por falta de unidade interior, seja pela progressiva ineficiência devido à falta de forças ou de número. Então, somos tentados a procurar o próprio caminho de "sobrevivência" dentro ou fora da Ordem, ou nos acomodamos numa vida repetitiva e cansada, dentro de estruturas antigamente válidas, mas que hoje encerram tradições sem vida.

De fato, são muitos os setores nos quais vivem Frades isolados, em obras caritativas ou pastorais; por vezes, parece até a única saída. Será mesmo indispensável agir sozinho para

ser criativo? Ninguém pode negar a generosidade, o êxito, o sucesso; mas como levar vida de irmãos sem ao menos criar laços freqüentes de colaboração e de comunhão com as Fraternidades limítrofes, quer sejam ou não da mesma Província ou cultura? Do contrário, podem faltar os valores fundamentais de nossa vocação, que é "viver o santo Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, em obediência (*dependência*), sem nada de próprio e em castidade" (*RegB* 1,1).

Se ousássemos... III

"Vós que sois os frades do povo, ide ao coração das massas, para as multidões perdidas e desfalecidas como ovelhas sem pastor das quais Jesus tinha compaixão... Ide também vós ao encontro dos homens e das mulheres do nosso tempo! Não espereis que eles venham a vós! Procurai vós mesmos chegar a eles! O amor nos leva a isso... A Igreja inteira vos será grata por isso".

(João Paulo II,
As missões franciscanas populares hoje,
Roma, 15.11.1982)

Quem poderia narrar as maravilhas, os milagres que Deus faria em nós e por meio de nós se ousássemos entregar-nos totalmente a Ele, como fez Francisco! Deus tem incrível confiança em nós, apesar de nossas fragilidades, limites, traições, negações... Está pronto a "recolocar-nos de pé", a reabrir-nos as portas de sua casa, a mandar-nos ao mundo inteiro, apesar da idade, do cansaço e das decepções (cf. Elias: 1 *Rs* 19). Precisamos recobrar esta confiança, intuir e experimentar, como Francisco, a presença viva e paterna de Deus.

Francisco inicia sua nova caminhada com os olhos voltados para o "Pai que está nos céus". "Nu, segue o Cristo nu", através de um novo "batismo de desejo", o batismo de pertencer somente a Ele, tornando-se *ágape*, dom gratuito aos últimos (os leprosos), no seio da Igreja para o Reino de Deus e para o mundo: fora dos muros de sua cidade, fora de Assis (*LegM* 4,2).

1. Reencontrar a unidade na diversidade

"A vida de comunhão fraterna exige que os irmãos observem unanimemente a Regra e as Constituições; tenham um modo de viver semelhante; participem dos atos da vida da Fraternidade, sobretudo da oração em comum, da evangelização e dos trabalhos domésticos; e ponham à disposição da Fraternidade todos os emolumentos que a qualquer título tenham recebido".

(CCGG 42,2)

Primeiramente, devemos ser gratos e reconhecidos à Ordem, aos Ministros, aos respectivos Definidores e a seus colaboradores que nos guiaram nestes últimos e difíceis anos pós-conciliares através da progressiva redescoberta de nossa identidade. Podemos dizer, com toda a segurança, que nossa Família tem agora uma face clara e delineada graças às CCGG, tão profundas e atualizadas, e a todos os outros documentos que, aos poucos, foram contribuindo para esclarecer nossa vida, os campos da formação inicial e permanente, a evangelização como nossa "razão de ser", bem enraizada na contemplação. Ninguém hoje pode dizer que nosso projeto de vida evangélica não esteja claro; talvez não consiga tornar-se um projeto existencial e um novo estilo de vida. O problema destes instrumentos, que indicaram a caminhada franciscana nos últimos anos, não é que sejam demasiados, muito longos ou pouco claros: o verdadeiro problema é que foram aceitos (quando foram aceitos...) como "documentos" e não como instrumentos importantes para a reestruturação e a reanimação de nossa

vida diária. Podemos perguntar-nos, e responder-nos com sinceridade: Quando lemos as CCGG pela última vez?

Desta forma, nossa vida quotidiana está se desintegrando e fragmentando a partir dos inumeráveis compromissos e desejos despertados em nós por um mundo demasiadamente consumista. Devemos substituir a cultura da aparência, do imediato, da exterioridade, da eficiência própria do nosso mundo "globalizado", por uma cultura da interioridade, do silêncio, da escuta obediente, da fecundidade divina. Devemos converter-nos da lógica da evidência, do "sempre feito", para a lógica da confiança apesar dos fracassos, ou até, instruídos por eles.

É urgente reconstruir nossa ***unidade interior***, fundada sobre uma sólida formação espiritual, que sabe integrar o que somos e o que fazemos numa identidade pacificada; onde a Palavra de Deus, acolhida como evento sempre novo, e a Eucaristia, como força na caminhada de seguimento de Cristo, voltem a ser os fundamentos desta construção.

É importante saber redescobrir em cada acontecimento de nossa história "uma senda que conduz a Deus", pois "tudo o que acontece é adorável" (*L. Bloy*), e assim integrar tudo na comunhão com o Deus de nossa vida e de nossa história. Tudo isso, porém, só é possível através de uma ***disciplina***:

- investindo tempo, espaços e pessoas neste esforço;

- reconstruindo em nosso coração "uma habitação a Deus (cf. *RegNB* 22, 27), centro do nosso agir e da nossa afetividade.

Diariamente deveremos pedir ao Senhor a graça e a força de "fazer o que ***sabemos*** que Ele quer de nós e de querer sempre o que lhe agrada" (*COrd* 50).

Negligenciando o esforço de confrontar-se com o projeto evangélico de vida que nos une, corre-se o risco de cada Frade, cada Fraternidade e cada Província inventar o ***seu*** projeto, talvez confrontando-o só com ***sua*** cultura, obnubilando o sentido de nossa universal pertença. E isto é grave. Não se trata de realizar uma "unicidade asfixiante", sem levar em conta as várias culturas, nem de querer fomentar um centralismo legalista e monárquico; na verdade, trata-se de testemunhar o nosso carisma. Não podemos chamar-nos "irmãos", quando não temos relações entre nós ou, pior ainda, nutrimos desconfianças e preconceitos que impedem um diálogo construtivo e um serviço fraterno, exigidos pela Regra e pelas CCGG. Abrir-se, confrontar-se, acolher e dialogar é o fundamento de nossa vida fraterna; são os instrumentos para esclarecer, fortificar e realizar o nosso comum projeto evangélico; é a condição para fazer renascer novas motivações que estimulam a criatividade, recuperando confiança em si mesmo e nos outros.

A "dispersão" verificou-se no relacionamento entre o centro da Ordem e as Províncias; entre as diversas Entidades (Custódias – Províncias) e, por vezes, também entre Casas da mesma Província. É indispensável, hoje, converter-se à unidade e ***reconciliar as diversidades***, para que voltem a ser riqueza construtiva mais que ocasiões de divisão:

- redescobrindo nossa identidade de "irmãos menores", que vai além dos nossos ministérios, dos títulos de estudo, das possibilida-

des econômicas, das pretensas superioridades clericais, culturais ou étnicas;

- incentivando a unidade na diversidade, suscitando, acolhendo e acompanhando as várias expressões de vida franciscana (contemplação, inserção entre os pobres, itinerância...) ou as diversas formas de evangelização, sem prejudicar os valores fundamentais do nosso carisma ou a unidade da Fraternidade universal e local.

2. Reapropriar-nos dos votos e de sua força libertadora

"A Regra e a vida dos Frades menores é esta: observar o santo Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, vivendo em obediência, sem propriedade e em castidade".

(*Regb* 1,1)

"A regra suprema da vida religiosa, sua norma última, é seguir a Cristo segundo o ensinamento do Evangelho. Não será esta a preocupação que suscitou na Igreja, durante o curso dos séculos, a exigência de uma vida casta, pobre e obediente?" (Paulo VI, *Evangelica Testificatio*, 12).

Nesta caminhada de seguimento de Cristo, ainda hoje os ***votos religiosos*** expressam nossa entrega total a Deus e aos irmãos. Libertando-nos da idolatria do poder, do ter e do prazer, os votos reforçam a natureza humana na sua expressão positiva e abrem a uma relação-encontro purificada de qualquer sombra de domínio e de exploração. Os votos traçam um caminho para o verdadeiro amor (castidade), uma real solidariedade (pobreza) e uma total disponibilidade-responsabilidade (obediência); exprimem e manifestam a total adesão a Deus, ao nosso projeto evangélico de vida, unificando ou simplificando nossa existência quotidiana.

Como sempre, na história e em todas as culturas, os votos são sinais de contradição e de esperança. Em nosso mundo, que está assistindo a um despertar constante de desejos fantásticos, sempre novos e contraditórios, e está se tornando um supermercado para a

satisfação destes desejos, os votos, que recordam um compromisso fiel em função da *forma vitae*, não gozam de muita estima. Se não os soubermos encarnar nas aspirações do homem de hoje, aspirações de liberdade, de solidariedade, de felicidade verdadeira, jamais serão aceitos.

O voto de obediência

> *"Senhora santa caridade, o Senhor te salve com tua irmã a santa obediência... A santa obediência confunde qualquer vontade própria, egoísta e carnal; e mantém seu corpo mortificado, em obediência ao espírito e em obediência ao próprio irmão e torna o homem submisso a todos os homens deste mundo"*
>
> (*EV* 3,13-16)

"Findo o ano de provação, sejam admitidos à obediência, com a promessa de observar sempre esta vida e Regra" (*RegB* 2,11). O projeto de vida é uma unidade com a obediência. "Se (os frades) tiverem perseverado nos mandamentos do Senhor que prometeram observar, seguindo o santo Evangelho e sua forma de vida, saibam que estão na verdadeira obediência e sejam benditos pelo Senhor" (*RegNB* 5,17). A "*forma vitae*" é o horizonte ou o ponto de chegada para o qual todos devemos olhar e com o qual é necessário confrontar-se, súditos e detentores da autoridade. O amor ao Pai e o seguimento de Cristo até o fim, para o bem dos irmãos, transtornou a vida de Francisco e deveria revolucionar a vida de cada Frade. Se a autoridade se põe a serviço, "lava os pés", doa-se até o fim como Cristo, o súdito entrega-se a Deus: "no superior, não deve considerar o homem, mas Aquele por

amor do qual se tornou súdito" (*2Cel* 151). De fato, Francisco vê a obediência como uma *autêntica virtude teologal*, relacionada diretamente com o Deus-Amor: só tem a Deus como objeto e Seu amor como motivo. Na criatura, o amor ao Criador e Pai toma o nome de "obediência": são uma só e a mesma realidade. Por isso, Francisco faz da obediência a irmã gêmea do amor (cf. *EV* 3). Obediência é "entrega" incondicional à Fraternidade, além de acolhida total e desarmada dos próprios Irmãos; também diante de um "bem espiritual melhor", cada um é chamado a entregar-se ao Superior em favor da Fraternidade: "esta é a obediência da caridade que agrada a Deus e ao próximo" (*Adm* 3,6).

O Espírito Santo é o Ministro geral da Ordem (cf. *2Cel* 193): todos, autoridades e súditos, devem obedecer a Ele e pôr-se a serviço do projeto de vida evangélico. Avançamos para este Amor, servindo-nos e obedecendo-nos reciprocamente (cf. *RegNB* 5,17).

Todo este discurso tem sentido para o homem de hoje, sedento de independência e desejoso de liberdade? O sentido da autoridade está em crise e não está mais "na moda": na família, na escola, na política e, também, na Ordem... Talvez, a única autoridade reconhecida seja o poder econômico! A própria obediência está em crise. No entanto, não existe ser humano sem estruturas de submissão; e hoje, as formas de escravidão são tão numerosas e tão obrigatórias que não sabemos como libertar-nos delas. Temos um trabalho árduo e delicado a realizar, uma busca interminável de relações harmônicas entre pessoas e comunidades. Francisco tentou-a e a encontrou: a consciência pessoal e a autoridade estabelecida, mais do que contrapor-se, devem se com-

pletar e se harmonizar no projeto evangélico, inspirando-se no amor ao Senhor, na obediência ao único Espírito. O homem há de sentir-se tanto mais independente e livre quanto mais estiver radicado em determinados valores fundamentais por ele próprio escolhidos. Então, obedecer não significa renunciar ao próprio ser, mas pôr-se a serviço de uma causa, como fez Cristo. Reivindicar os próprios direitos pessoais, uma "própria" liberdade, com freqüência empregada para o próprio uso e consumo, sem levar em conta a liberdade do outro, torna-se efetivamente violência e injustiça. "A experiência subjetiva legitima-se somente se relacionada com os outros". Às vezes, fazemos entrar certos aspectos do nosso comportamento no âmbito da "privacidade": "Tu me deixas livre e eu te deixo fazer...". Mas esta forma de liberdade deverá sempre ser confrontada com o projeto comum de vida, para não estar exclusivamente em função de nosso proveito individual.

Papel importante e indispensável, neste processo de relações, é confiado à ***autoridade***. Papel que deverá ser repensado, re-evangelizado, em vista de um serviço-doação recebido de Deus, de uma missão claramente espiritual (CCGG 45-46). Deixar-se possuir por esta missão, como os profetas, é uma garantia para uma comunidade. O autoritarismo e a permissividade frustram e paralisam tanto a caminhada de uma Fraternidade quanto de uma pessoa individualmente, criando desconfiança no relacionamento e, portanto, fuga para um fácil consumismo de idéias e de modelos propostos pelos meios de comunicação: é a morte da criatividade.

Uma autoridade que se deixa guiar pelo Espírito, ouvindo e colaborando com os outros

(Definidores, Guardiães, Formadores, Irmãos...) pode abrir horizontes novos. Torna-se guia e impulso para a meta; facilita e provoca opções evangélicas em Fraternidade; preocupa-se em fazer nascer idéias, motivações entre os Irmãos, mais que realizar coisas ou manter estruturas sem vida; sabe criar confiança e sentido de pertença, requisitos indispensáveis para a renovação e a criatividade em Fraternidade. Mas nem todos os Ministros e Guardiães são livres, motivados e entusiasmados pelo serviço a seus Irmãos...

"Sem nada de próprio"

"Portanto, nada de vós retenhais
para vós, para que totalmente vos acolha
Aquele que totalmente a vós se oferece".
(*COrd* 29)

O voto de pobreza nos liberta da avidez do acúmulo, da sede insaciável de ter o mais possível, o melhor e logo, porque encontramos nossa "suficiente riqueza" (*EV* 4). Protege-nos contra qualquer tipo de posse e, por isso, não absolutizamos a casa em que vivemos nem o trabalho que fazemos nem as compensações que "merecemos", sejam elas materiais ou psicológicas. "Quem não renuncia a tudo o que tiver...": o Senhor não exige a renúncia de alguma coisa, mas de tudo, para tornar-se o tudo do homem. "Os frades não se apropriem de nada, nem de casa nem de lugar nem de qualquer outra coisa" (*RegB* 6,1). Não se trata de ascese egocêntrica, mas de uma caminhada de justiça, solidariedade, amor pelos outros e com os outros; de uma caminhada de liberdade pessoal e comunitária, que tornará mais fidedigno o nosso anúncio missionário.

O Mestre e Senhor da messe e da vinha nos enviou a evangelizar como peregrinos, sem apropriar-nos do "nosso" trabalho, de "nossa" gente ou de "nossos" resultados. Certamente, devemos trabalhar com generosidade e seriedade, fazendo frutificar as qualidades e os dons que o Senhor nos deu, mas o sucesso não é o único critério de medida a ser considerado: deveremos sempre confrontar-nos com o projeto evangélico e comunitário de vida, para que se torne *testemunho e sinal que pertencemos ao Senhor e não ao "nosso trabalho*, de forma a estarmos prontos, como Abraão, os apóstolos e Francisco, a "deixar a nossa terra" para buscarmos horizontes desconhecidos. Com freqüência, nossas relações fraternas são perturbadas pela falta de liberdade em relação ao dinheiro e às coisas. Algumas vezes, já não conseguimos distinguir o necessário do útil ou do supérfluo. Facilmente nos deixamos prender pela lógica consumista do mundo, pecando por injustiça ou por falta de solidariedade em relação aos que não têm o necessário, esquecendo-nos de "restituir" tudo a Deus, como quer Francisco (*RegNB* 17,17) e negligenciando a dependência dos outros no uso do dinheiro.

Existem Províncias onde os Frades individualmente ou as Fraternidades são ricas, enquanto a Província é pobre. Não é apenas falta contra a pobreza, mas também contra a justiça, a comunhão fraterna, a solidariedade. Por vezes, as Províncias não percebem as necessidades da Fraternidade universal: é só distração, ou também falta de confiança, de sentido de pertença? Depois do terremoto na Itália, foi bonito receber na Cúria geral as pobres ofertas das Clarissas africanas para as Irmãs de Assis. Passando por Roma, por certo, a ajuda será menos rápida ou percebida, mas

certamente mais evangélica, criando menos dependências. Bem sabemos que nossos dons podem se tornar ambíguos para quem os oferece e para quem os recebe.

Alguns Irmãos (não são muitos) têm dificuldades de pôr em comum a recompensa recebida por seu trabalho (muitas vezes desejado e procurado porque rentável!) ou qualquer outra doação, tornando-se, assim, administradores diretos de "seus bens": isso não é conforme a Regra e pode destruir a vida fraterna. Quantos abusos com o dinheiro; quantos Irmãos sacrificados por estruturas pouco evangélicas e sem vida: que Deus nos perdoe!

A liberdade na pobreza, facilmente, nos torna homens de comunhão, de solidariedade, de partilha e nos ajuda a sermos criadores de relações novas, alegres e proféticas no meio dos homens do nosso tempo.

O voto de castidade

> *"Como sentinela na torre de guarda (cf. Is 21,8), Francisco procurava proteger com rigorosa disciplina e sumo cuidado a pureza do corpo e do espírito".*
>
> (*LegM* 5,3)

Também o voto de castidade pode encontrar sua função profética num mundo constantemente em busca do prazer fácil e passageiro. Os puros de coração, segundo Francisco, são aqueles que "não cessam de adorar e ver o Senhor Deus vivo e verdadeiro, com coração e ânimo puro" (*Adm* 16,2). Narrando sua conversão, a *Legenda dos Três Companheiros* diz: "E daquele momento em diante começou a desprezar a si mesmo"

(*3Com* 8). Nossa castidade é a progressiva purificação de um amor narcisista ou adolescente que nos encaminha para relações maduras, gratuitas, puras, livres de qualquer interesse egocêntrico. Administrar a própria sexualidade significa aprender a administrar as próprias relações. O centro de tudo, mais uma vez, é a descoberta de um amor no qual nos "alegramos" e ao qual entregamos nossa vida. De fato, é a sensação de sentir-se suficientemente amado que torna o homem feliz, fazendo-o gerador de nova vida, de amor, de paz, de comunhão. Ouçamos Francisco: "A fim de que te amemos de todo o coração, pensando sempre em ti; com toda a alma, sempre desejando a ti; com todo o entendimento, orientando para ti todas os nossos desejos e procurando em cada coisa a tua honra; e, com todas as nossas forças, empenhando todas as nossas energias e sentidos da alma e do corpo para o serviço do teu amor e nada mais..." (*Pater*, 6). O "carnal" se torna sacramento do espiritual e tudo, alma e corpo, se transforma em linguagem perceptível que exprime uma realidade e uma comunhão ainda mais gratificante e beatificante do que a dos corpos abandonados a um prazer fechado, limitado e insatisfeito.

Evidentemente, não se chega a tal sublimidade num só dia! Entre outras coisas, deveremos aceitar e conviver com uma forma de solidão "habitada por Deus", típica da vida consagrada. Inclusive, bem sabemos que não existe uma afetividade plenamente satisfeita nem uma sexualidade naturalmente perfeita, tanto para as pessoas celibatárias quanto para as casadas. Muitas vezes está exatamente aqui a fonte que revela os próprios limites. Mas isto não nos impede de encaminhar-nos para o seguimento de Cristo: O Senhor não chama os

perfeitos e puros, mas os pecadores, para que se convertam, como Levi, como Zaqueu, como a Samaritana. Mesmo procurando uma sempre laboriosa integração de todas as nossas instâncias e tendências - sejam elas hétero ou homossexuais -, não podemos descer a compromissos com nossas inclinações e assim justificar uma "terceira via" ou uma "dupla vida" para viver nossa sexualidade e castidade. Francisco nos responderia: "Desde que abandonamos o mundo nada mais temos que fazer... senão ***agradar*** unicamente ao Senhor" (*RegNB* 22,9).

A quem queria abraçar a vida evangélica, o Poverello punha uma só e única condição: a conversão, que significa re-orientar a própria vida totalmente para o Senhor. Se, por um lado, pede perdão e misericórdia por cada pecador, por outro, despede com severidade quem desce a pactos com o pecado (*RegNB* 13), "pois quando vivemos segundo a carne, o diabo quer separar-nos do amor do Senhor" (*RegNB* 22,). Todos devemos buscar esta radicalidade e ajudar-nos reciprocamente. Somos responsáveis por nossos Irmãos que não cumprem a promessa feita e temos o dever de corrigi-los e acompanhá-los com misericórdia no caminho da conversão (*RegB* 10; *Adm* 22; *Legm* 13-16). Uma vida fraterna serena é uma ajuda indispensável para viver este compromisso de consagração. Confiando-nos uns aos outros na profissão, temos a responsabilidade de advertir-nos fraternalmente quando faltamos ao nosso projeto de vida. Infelizmente, com freqüência, em nossas Fraternidades, a correção fraterna é substituída pela crítica ou pela maledicência. Talvez, alguns de nossos Irmãos não teriam abandonado a sua vocação se, em tempo oportuno, tivesse havido alguém disposto a ajudá-los com misericórdia.

3. Restituir autenticidade, credibilidade e visibilidade ao nosso projeto de vida

"Como consagrados, nossa peculiaridade é surpreender o Deus presente, auscultá-lo, contemplá-lo, testemunhá-lo pela nossa vida, anunciá-lo pela palavra. Nosso futuro dependerá muito da capacidade que tivermos de testemunhar o Deus presente neste mundo complexo, traduzindo em nossa vida a experiência que dele fazemos no seguimento de Jesus Cristo pobre, segundo o modelo Francisco de Assis".

(H. Schalück, *Encher a terra…*, 111)

Se apenas algumas Fraternidades cressem realmente que o nosso projeto evangélico de vida é uma mensagem de reconciliação e de libertação para o mundo de hoje e se o seu agir se inspirasse e dirigisse integralmente por esta certeza, muitas coisas mudariam em nossa Ordem e no nosso mundo. Estou convencido que a paixão e o amor por nossa vocação são uma realidade conquistada um pouco por toda a parte; mas ainda devem *tornar-se uma presença viva*, ativa e eficaz para além de nossas estruturas mentais e ambientais, para além dos medos pela sobrevivência que nos impelem para a mera conservação, para além dos fracassos e dos ressentimentos ligados ao passado, para além da idade e do número, para além, sobretudo, da dicotomia entre o ser e o fazer.

Talvez, o maior desafio será a visibilidade, uma *presença inculturada*. Somos chamados a criar uma visibilidade própria, de hoje, num mundo perdido e sedento de sinais de salvação, de sinais autênticos que saibam manifes-

tar e tornar concreto aquilo que nos habita, aquilo em que cremos, aquilo pelo qual vivemos.

Para realizar semelhante espiritualidade, três elementos são essenciais:

- *Clareza e autenticidade da própria identidade espiritual, carismática.*

- *Compreensão e individuação dos instrumentos, meios e sinais para o diálogo, compreensíveis ao nosso mundo, a fim de poder transmitir o dom recebido, a riqueza carismática, a partir das exigências vitais de uma determinada cultura.*

- *Decisão e coragem, pessoal e comunitária, de iniciar, com fé, esta caminhada de realização, de visibilização, que refaz o mesmo percurso da encarnação, aceitando sua lógica.*

Como franciscanos, o diálogo com o mundo de hoje, sobretudo com o mundo jovem, não é uma opção entre outras, mas uma exigência. Fomos chamados para sermos enviados ao mundo, para uma missão de homens de Deus, em fraternidade e minoridade, a um mundo que muda e que busca. Somos chamados a abrir espaços novos, mais humanos e alternativos; a criar uma cultura de diálogo, solidariedade, compaixão e aceitação de nossas realidades diferentes.

Portanto, não é o caso de "demonizar" o mundo, os meios de comunicação, a globalização ou a cultura juvenil de hoje. Nem torná-lo uma "droga", de alimentar-nos de tudo, de imitar e assimilar tudo, permitindo que invada o nosso corpo e nossa alma. Ao contrário, é importante cultivar uma atitude crítico-positiva e não superficial, que nos ajude a discernir com inteligência e sem medo os sinais da presença de Deus.

O próprio Jesus procurava as multidões e solidarizou-se com a história, mas teve que tomar distância dos equívocos que as multidões e a história propunham.

Liberemos e estimulemos os Irmãos dispostos e entusiasmados a retomar uma caminhada evangélica em meio aos homens e às mulheres de hoje em todos os Continentes. Acompanhemo-los e os apoiemos com nossa confiança e nossa correção fraterna, quando for necessário. Preparemos espaços ao Espírito no coração de todos os Frades, para que, em nosso meio, nasçam novos profetas, novas Fraternidades proféticas, nas quais encontremos um verdadeiro relacionamento com as pessoas, nas quais a nossa espiritualidade esteja unida à vida diária e interprete as aspirações mais profundas das pessoas que vivem ao nosso lado.

Conclusão

"O anjo lhe disse: "Não temas, Maria, porque encontraste graça diante de Deus. Eis que conceberás um filho, dá-lo-ás à luz e o chamarás Jesus"...
"Como é possível? Não conheço homem"...
"O Espírito Santo descerá sobre ti... Também Isabel, tua parenta, na sua velhice, concebeu um filho e este é o sexto mês para ela, que todos consideravam estéril: nada é impossível a Deus".
Então Maria disse: "Eis aqui a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra".

(*Lc* 1,30-38)

Caros Irmãos, no início deste terceiro milênio da história da salvação, que nos recorda o amor imutável de Deus pelo homem, através do exemplo de Maria, Mãe de Deus e "virgem feita Igreja", reiniciemos uma nova caminhada de fidelidade.

Como para Maria, o primeiro passo que o Senhor nos pede é que *vençamos o medo* que nasce em nós quando contamos somente com nossas forças e "possibilidades"; quando os nossos horizontes não vão além de nossas preocupações de sobrevivência ou de eficiência antropocêntrica. Então, livres do medo, teremos a audácia de enveredar por novos caminhos, não traçados, não evidentes, não gratificantes, como fizeram Francisco e Clara, pois confiando no Senhor, no qual "encontramos graça", estamos certos que nele e com ele tudo é possível.

É importante recordar nosso passado vocacional, Seu chamado, a intimidade com Ele, Sua Palavra acolhida com total disponibilidade. Ao mesmo tempo, devemos deixar Cristo irromper em nosso hoje, "em meio a nós", como os discípulos medrosos depois da ressurreição (cf. *Jo* 20,19), para que possa "entrar através das portas fechadas" de nossas seguranças, de nossas defesas – internas e externas – e com sua presença revolucionar nossa vida.

"Como é possível isto?" Tudo é possível a Deus, se acolhermos e guardarmos Sua Palavra transformadora num coração puro; se nos deixarmos convencer (***animar***) mais por sua

presença eficaz do que por nossos ponderados cálculos de êxito; se, finalmente, aderirmos aos Seus projetos, mais do que aos nossos, voltando a entregar-nos totalmente a Ele.

"Faça-se em mim segundo a tua palavra". Esta é a palavra final que Deus espera de nós; palavra que podemos confirmar renovando diariamente e com coragem os compromissos de nossa profissão religiosa, exprimindo com a vida a nossa total disponibilidade a Deus e aos irmãos. Como para Maria, este "sim" certamente será seguido de silêncio, mais do que êxitos evidentes; todavia, será o silêncio fecundo de Deus, acompanhado pela cruz e confirmado por pobres sinais, como a velhice e a esterilidade de Isabel (cf. *LegM* 8,21!).

E exatamente o envelhecimento e a falta de vocações são os sinais que nos são dados neste momento histórico. São sinais de triste resignação, de abandono a um estéril choro do passado ou a um puro esforço de sobrevivência? Mas "nada é impossível a Deus": o Espírito pode transformá-los em realidade de vida, de esperança e de criatividade, em canto de alegria e de louvor a Deus, a quem tudo é possível: *Magnificat*! Hoje mais do que nunca somos estimulados e provocados por tantos sinais externos, anunciadores de novos tempos: compete a nós fazer que, concretamente, se tornem geradores de nova vida, *iluminando-os com a nossa fé* que é confiança, adesão e decisão no Senhor. Como Maria, devemos "conceber" a Palavra (cf. *2Cfi* 53), fazer experiência desta presença do Espírito que vive em nós e em nosso meio para sermos verdadeiros portadores da Boa Nova ao mundo.

A vocação que recebemos nos faz responsáveis diante dos homens e das mulheres do nosso tempo que, por toda a parte, procuram pessoas de Deus e lugares de autêntica espiritualidade a fim de dar novos significados à sua existência. Não os decepcionemos. "Procure ser tão bom quanto todos dizem que tu és, porque muitos confiam em ti. Por isso, te exorto a jamais te comportares de forma diferente do que se espera" (*2Cel* 142), dizia o simples camponês ao Poverello estigmatizado.

Mais uma vez, Francisco nos lança a sua desafiante mensagem: "Eu fiz a minha parte, quanto a vós, que Cristo vo-lo ensine" (*2Cel* 214).

Frei Giacomo Bini, ofm
Ministro geral

Prot. n. 089636

A Ordem hoje
Reflexões e Perspectivas

Introdução 3

I. Expectativas e esperanças 5

II. Alguns problemas gerais que preocupam Custódias e Províncias 13

1. Diminuição do número e elevação da média de idade ... 15
2. Diminuição das vocações e falta de perseverança 18
3. Falta de entusiasmo e criatividade 20

III. Se ousássemos... 23

1. Reencontrar a unidade na diversidade 27
2. Reapropriar-nos dos votos e de sua força libertadora 31
3. Devolver autenticidade, credibilidade e visibilidade ao nosso projeto de vida 41

Conclusão 45